

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICACAO

Luis Wagner Vieira Pinto Gomes

STUDANTIS: 1 KOXI DI NOS MEMÓRIAS
(ESTUDANTES: 1 POUCO DAS NOSSAS MEMÓRIAS)

RIO DE JANEIRO

2011/1

LUIS WAGNER VIEIRA PINTO GOMES

STUDANTIS: 1KOXI DI NOS MEMÓRIAS

(ESTUDANTES: 1 POUCO DAS NOSSAS MEMÓRIAS)

Relatorio técnico apresentado a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Orientador: Professor. Dr. Fernando Fragozo

Rio de Janeiro

2011/1

Luis Wagner Vieira Pinto Gomes

STUDANTIS: 1 KOXI DI NOS MEMÓRIAS
(ESTUDANTES: 1 POUCO DAS NOSSAS MEMÓRIAS)

Relatorio Técnico apresentado a Escola de Comunicacao da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitacao em Radialismo.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2011

(Prof. Dr. Fernando Fragozo, ECO/UFRJ)

(Prof. Dr. Fernando Mansur, ECO/UFRJ)

(Prof. Dr. Maurício Lissovsky , ECO/UFRJ)

Pa nhaz gentiz, nhaz rikezaz
ypa tudu kez kauberdianuz ki
studa na Rio de Janeiro, nta
dedica.

Agradecimentos

A minha amada Família

Quando entenderes o real significado do “abrir e fechar dos olhos”, terás uma nova perspetiva, enquanto isso, vives numa repetição que é guiada pelo olhar programado da mídia ou da imitação.

Afronaz Kauber

RESUMO

PINTO GOMES, Luis Wagner Vieira. **STUDANTIS: 1 KOXI DI NOS MEMÓRIAS**
Relatório técnico(Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo),
Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Relatório técnico sobre a produção do documentário em video STUDANTIS: 1 KOXI DI NOS MEMÓRIAS, com a descrição de suas etapas de pré-produção, produção e pós-produção. No presente trabalho, apresenta-se a justificativa da escolha do tema e da vontade dos entrevistados quererem ficar no Brasil depois de terminar os estudos. Não aderindo diretamente a nenhuma escola de documentários, mas sim, pegando um pouco de cada um ou de nenhum, o trabalho possui um olhar bem simples tanto na parte da decupagem e na finalização, deixando a memória registrada no tempo.

ABSTRACT

PINTO GOMES, Luis Wagner Vieira. **STUDANTIS: 1 KOXI DI NOS MEMÓRIAS**
Relatório técnico(Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo),
Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Technical report on production of documentary video STUDENTS: 1 KOXI DI NOS MEMÓRIAS, with the description of its steps in pre-production, production and post production. In this paper, we present the rationale for the choice of topic and the willingness of respondents want to stay in Brazil after finishing their studies. Not adhering directly to any school of documentaries, but catching a little of each or any, work has a very simple look both in the finalization and decoupage, leaving the memory recorded in time.

SUMÁRIO

1 Introdução-----	10
2 Pré-Produção-----	13
3 Produção-----	29
4 Pós –Produção-----	30
5 Considerações finais-----	31
Referências_____	32
.Anexo_____	34

Introdução

O projeto “Studentis: 1 Koxi di nos memórias”, nasceu com a preocupação de registrar audiovisualmente as memórias dos estudantes caboverdianos na Cidade do Rio de Janeiro, para deixar uma herança para os demais que pretendem seguir a mesma “viagem”.

O filme trata-se dos três estudantes caboverdianos, que chegaram apartir do ano 2004, onde cada um deles oriundo de uma das ilhas de Cabo Verde, compartilham suas experiências de como é ser estudante estrangeiro, das dificuldades e oportunidades encontradas, desde de, como é difícil ou não alugar um apartamento até chegar a formação académica. O ponto principal do filme é saber o porque é que eles querem permanecer no Brasil, depois das suas graduações. Dos três entrevistados, somente um não ficou.

Inicialmente, a pesquisa começou nos primeiro mês do ano 2009 e no dia 28 de Março, realizou-se a primeira entrevista. Dai por diante, aproximadamente uns 10 a 15 estudantes passaram pelo enquadramento da dita “sétima arte”.

Os depoimentos usados para o filme são de 06.01.2011 a 20.01.2011. Os planos mais usados para os personagens são o Primeiro Plano (PP), Primeiríssimo Plano (PPP) e o Plano Detalhe (PD). É um filme feito na lingua caboverdiana, o Crioulo.

Baseado um pouco no conceito de cinema verdade, tenta passar a realidade e os pensamentos dos estudantes em questão.

O Set das filmagens escolhidas é um Apartamento, Escadaria da lapa e Praia de Bota Fogo.

Neste tabalho escrito, o primeiro capítulo, a Pré-Produção, relata o motivo da escolha do tema É o capítulo mais longo.

Enquanto que no segundo, a Produção, comenta que o filme é de produção independente e no terceiro a Pós-Produção, fala da finalização, distribuição e legenda. No próximo capítulo que é as Considerações Finais, resta dizer que muito ainda ficou para fazer e o tema fica em aberto. No sexto, as referencias bibliográficas e no sétimo o(s) anexo(s).

Cabo Verde e Brasil já são conhecidos desde os tempos do tráfico negreiro, onde muitos dos negros escravizados passavam por essas ilhas e depois eram enviados para Europa e pelas Americas.

“Foi em Cabo Verde que se construiu pela primeira vez uma sociedade que integrou, num convívio prolongado, africanos e europeus, vindos ambos de longe”.(Correia e Silva, 2004,65)

“É isso: Cabo Verde foi a primeira sociedade crioula e escravocrata no Atlântico e foi, tendo a sua experiência como modelo que se fundaram outras como a santomênia, a hispaniola, quer dizer a santomingueira, para falar a linguagem de hoje, depois a brasileira, inter alia. ”.(IBIDEM, P66)

O escritor caboverdiano, António Leão Correia e Silva, 2004, ainda no seu livro intitulado “Combates pela História”, argumenta dizendo em relação a uma coladeira - um dos géneros da música caboverdiana – onde o título é “ Carnaval de São Vicente”, escrito pelo compositor Pedro Rodrigues e interpretada pela musa dos pés descalços Cesária Évora, onde na letra diz que a ilha de São Vicente é um “Brasilim” (pequeno Brasil), por causa da alegria do povo e do carnaval que realmente tem muito a haver com o do Rio de Janeiro.

Carnaval de São Vicente

J'a'm conchia São Vicente
 Na sê ligria na sê sabura
 Ma 'm ca pud fazê ideia
 S'na carnaval era mas sab
 São Vicente é um brasilin
 Chei di ligria chei di cor
 Ness três dia di loucura
 Ca ten guerra ê carnaval
 Ness morabeza sen igual
 Nô ten un fistinha mas sossegod
 Ca bô exitá bô podê entrá
 Coque e bafa ca ta faltá
 Hôje é dia di carnaval
 São Vicente é um brasilin
 Chei di ligria chei di cor
 Ness três dia di loucura
 Ca ten guerra ê carnaval
 Ness morabeza sen igual

Correia e Silva diz o que realmente acontece na verdade foi o contrário, apesar do Brasil ser o maior, na verdade é este que é o imenso Cabo Verde de acordo com a história.

Em bom rigor histórico, é o contrário. É o Brasil que é um imenso, continental e rico Cabo Verde. E como em história, tamanho é documento, sim senhor, sob o parentesco societal e cultural básico muita coisa nos foi diferenciando.

Contudo, ainda assim, a nossa identidade, melhor dito, a nossa identificação com as sociedades de origem crioula e escravocrata do outro lado do

Atlântico, nomeadamente com o Brasil, chega a ser maior do que com as africanas, pese embora a proximidade geográfica destas. (Correia e Silva, 2004,66-67)

O povo caboverdiano possui muitas informações sobre o “país de Futebol”, enquanto que o povo brasileiro na maioria das vezes desconhece ou não sabe onde fica situado cabo Verde. Esses conhecimentos sobre o Brasil chegaram ao povo das ilhas através dos barcos que aportavam nos portos, das músicas e principalmente das telenovelas.

Independente disso, esses dois países tem alguns traços históricos iguais e outros que se cruzam. Para o escritor caboverdiano mencionado acima, esses dois países têm como em comum, mas independente se ele estivesse certo ou não, os estudantes caboverdianos, pelo menos na maioria (no caso daqueles que aventuraram a estudar ou estudam no Rio), com o passar dos anos se sentem em “casa”.

Jovens aproximadamente de 17 a 23 anos que escolheram o Rio como uma cidade acolhedora, não que esse fosse a primeira escolha quando terminam o décimo segundo ano (12º), correspondendo ao último ano do Colégio. Essa pesquisa com esse teor audiovisual dentro desse parâmetro concreto, nunca antes tinha sido feita. Viu-se uma oportunidade e apesar de não tendo aquela produção de alta qualidade, uma memória está guarda.

Duas coisas centrais diferenciaram essas duas etapas das filmagens, foi à introdução da pergunta chave para esse documentario que é “o porque de querer ficar no Brasil?”, nas demais perguntas uma ou outras que mudaram. A outra é que apartir do dia 06.01.2011, a linguagem das filmagens que antes eram quase meio improvisadas na hora das entrevistas e nessa última ficou mais roterizadas. Os planos ficaram mais definidos numa outra perspectiva. O objetivo foi ter bons “personagens”, que provocassem com as suas respostas e gestos.

Na realização de qualquer documentário, necessário perguntar quem é que vai importar? Acredita-se que os estudiosos da cultura caboverdiana, pelo menos, interessaria, aqueles alunos já mencionados, que pretendem estudar no Brasil, os pais dos estudantes e por fim o governo da Republica de Cabo verde e se isso não acontecer, esperemos que não fique na amnésia cinematográfica.

O desenvolvimento do produto audiovisual não teve muitas barreiras, rementendo também as primeiras gravações de dois mil e nove, na questão das filmagens.

O primeiro público alvo são os professores da banca, em seguida, os caboverdianos, principalmente os do Rio de Janeiro.

No prefácio do livro “Espelho Partido” de Silvio Da-Rin, João Moreira salles começa dizendo que:

Todo documentarista enfrenta dois grandes problemas, os únicos que de fato contam na profissão. O primeiro diz respeito à maneira como ele trata seus personagens; o segundo, ao modo como apresenta o tema para o espectador. O primeiro desses problemas é de natureza ética; o segundo é uma questão epistemológica.
(DA-RIN, 2004, p7)

A primeira preocupação é, respeitar os entrevistados, pelo o simples fato de eles estarem contribuindo para o trabalho.

Ao navegar no mar de documentários, também se defrontou com a clássica questão do que realmente significaria este termo – Documentário. A intenção é passar a verdade, não a imitação dela. Acaso seria ingênuo pensar deste modo?

Através da lente, pode-se passar a realidade da lente ou dos olhares de quem captura as imagens?

A tradição do documentário está profundamente enraizada na capacidade dele nos transmitir uma impressão de autenticidade. E essa é uma impressão forte. Ela começou com a imagem filmica bruta e a aparência de movimento: não obstante a pobreza da imagem e a diferença em relação à coisa fotografada, a aparência de movimento permaneceu indistinguível do movimento real. (Cada quadro de um filme é um fotograma; o movimento aparente baseia-se no efeito produzido quando os fotogramas são projetados rapidamente um depois do outro.)

Quando acreditamos que o que vemos é testemunho do que o mundo é, isso pode embasar nossa orientação ou ação nele. (NICHLOS, 2005, p.20)

“Documentário é um gênero cinematográfico que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade. Mas dessa afirmação não se deve deduzir que ele represente a realidade «tal como ela é». O documentário, assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjectiva da realidade. O filme documentário foi pela primeira vez teorizado por Dziga Vertov (1896-1954), que desenvolve o conceito de «cinema-verdade» (*kino-pravda*), defendendo a ideia da fiabilidade do olho da câmara, a seu ver mais fiel à realidade que o olho humano - ideia ilustrada

pelo filme que realizou *Cine-Olho* (1924) -, visto ser uma reprodução mecânica do visível

O termo *documentário* é aceito em 1879 pelo dicionário francês *Littre* como adjetivo referente a algo «que tem caráter de documento». Atualmente, há uma série de estudos cujos esforços se dirigem no sentido de mostrar que há uma indefinição de fronteiras entre documentário e cinema de ficção, definindo um gênero *híbrido*. Surge no início do século o termo *docuficção*. *Aetnoficção* é umas das práticas nobres deste gênero. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Document%C3%A1rio> acessado em 13.06.2011)

Ao lançar nesta aventura de querer fazer um filme documentário que abordasse sobre os estudantes africanos, especificamente caboverdianos, nota-se primeiramente que a idéia era boa e inédita. Este filme documentário, assimelha mais com o chamado cinema direto, não no seu sentido completamente literal.

Cinema direto é uma designação que se confunde com cinema-verdade. Surge no final dos anos cinquenta e refere-se, na teoria e prática, a um gênero de documentário que se empenha em captar, sem fins didáticos ou de ilustração histórica (docudrama), a realidade *tal e qual ela é*, isto é, que procura reproduzir aquilo que na realidade acontece. É um *cinema do real* que, admitindo um certo grau de subjectividade enquanto forma de expressão, a procura ultrapassar pelo uso de técnicas que garantem a fiabilidade ao objecto ou evento reproduzidos pela câmara, instrumento tão rigoroso como, por exemplo, as fitas métricas, usadas para medir o tamanho de um determinado objecto. Assume-se, nas suas aplicações, como ferramenta científica ao serviço da verdade. Filmando o Homem, a máquina será um meio privilegiado ao serviço da antropologia (ou da etnografia, enquanto filme etnográfico), quer como instrumento de registo e de pesquisa quer como objecto de estudo naquilo que produz, na ficção ou no documentário.

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Document%C3%A1rio> acessado em 13.06.2011)

Quanto a Infra-estrutura o que foi usado é uma Handycam mini-dv caseira da marca sony bem simples que já tem microfone imbutido A edição foi feita no CPM/ECO.

.Orçamento e Fontes de Financiamento

O filme é uma patrocinação independente.

Material para pesquisa	Fonte	Custo
Introdução ao Documentário	NICHOLS,Bill.Campinas-Sp Papirus - 2004-	34,00
Mas Afinal...O que é mesmo Documentário?	RAMOS, Fernão Pessoa -São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.	R\$55,00
Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto	CURRAN BERNARD, sheika. Rio de Janeiro Editora Elsevier-2008	R\$57.00
Cinema Brasileiro Moderno	XAVIER, Ismael.São Paulo- Paz e Terra-2001	R\$10
Cinema, Comunicação e Áudio-Visual	SANTANA, Gelso -São Paulo: Alamada-2007	R\$23,00
O Cinema e a Produção	RODRIGUES, CHRIS. 2 edição- Rio de Janeiro : Editora D&A:Faperj- 2005	R\$35,00
O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência	XAVIER, Ismael 3 edição-São Paulo- Paz e Terrá - 2005	R\$31,00
Filmar o Real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo	LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia. Rio de Janeiro-Jorge Zahar Editora-2008	
Espelho Partido	DA-RIN. Rio de Janeiro : Azouge Editorial- 2004	36,00
O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, Cinema e Vídeo	LINS, Consuelo –2 edição-Rio de Janeiro – Jorge zahar Editor-2007	44,00
	YOUNG, Rick. Rio de Janeiro – Elsevier-2011	R\$65,00

O guia Oficial Final CUT Pro 7		
Roteiro de Documentário: da pré- produção à Pós- produção		31,00
15 caixas de fitas mini-dv's		R\$135,00
.Manuel de Vídeo	SANTOS, Rudi. Rio de Janeiro- Editora UFRJ.1993	-----
Manual do documentário.	FIELD,Syd Rio de Janeiro.Editora Objetiva.2001	
Identities em trânsito: África “ na pasjen” identidade e nacionalidades guineenses e caboverdianas	Mourão, Daniele ellery.– campinas: Arte escrita,2009	-----
Combates a História	CORREIA e SILVA, Antonio.. Editora Speen Edições,2004,Praia –cabo verde	-----
Total		R\$ 556,00

Para o roteirista Syd Field, 2001, o roteiro é “uma história contada com imagens”, ele diz que a “coisa mais difícil quando se escreve é saber o que escrever”. No início do filme, o que primeiramente antes de tudo, foram às imagens. Sendo um documentário pioneiro na língua crioula, no Rio de Janeiro, sobre caboverdianos falando na sua própria, um dos objetivos é fazer conhecido a língua crioula entre os brasileiros. Não havia uma escaleta ou roteiro. Muito assemelhando com o leme do cineasta Glauber Rocha do Cinema Novo que era “uma câmera na Mão e uma idéia na cabeça”.

Chris Rodrigues no seu livro “O Cinema e a Produção” diz que:

Normalmente o primeiro passo de um roteiro é a descrição da ação da história simplificada, em uma ou duas páginas (sinopse). A seguir, o argumento, que é a descrição do roteiro, normalmente contendo passagens do diálogo, com as cenas mais ou menos esquematizadas com plots e subplots já em seus lugares. Uma vez aprovado o argumento, o roteirista escreve então o roteiro final, com as cenas, ações e diálogos detalhados.(...) O ato de escrever é um hábito que requer muito treino, dedicação e paciência. Ter uma idéia é apenas o início de um processo que exige muito esforço e

insistência. Para se escrever bem um roteiro, é necessário conhecer o assunto (fazer pesquisas), ter uma idéia clara do que se quer dizer, estar atualizado com os acontecimentos, manter o hábito de boas leituras, assistir a muitos filmes-principalmente os clássicos – escrever, escrever, escrever. Um filme seja ele longa-metragem, curta-metragem, documentário, vídeo-clipe ou publicitário, nasce a partir de uma idéia. Esta idéia, então, se transforma em um roteiro. A idéia pode nascer a qualquer momento, em qualquer lugar, a partir de diversas razões.
(Rodrigues, 2005,49)

Um Roteiro é uma história contada com imagens, expressas dramaticamente em uma estrutura definida, com início, meio e fim, não necessariamente nessa ordem.(...)

É importante que um roteiro esteja bem formatado, com espaços em branco para anotações da equipe e dos atores; tenha as cenas marcadas, assim como suas mudanças; que o conteúdo visual esteja cuidadosamente descrito; que seja fácil de ler, em espaço duplo, sem rasuras e correção, e com todas as páginas numeradas. No roteiro de um longametragem, normalmente, cada página equivale aproximadamente a um minuto de filme. (Ibidem, 2005,p.50)

Não existe drama em uma história sem conflitos. São os conflitos que impulsionam a história, e a resolução delas é que prende a atenção do espectador.
(Ibidem, 2005, p.51)

Para filmes documentários, os roteiros já têm uma outra proposta no sentido de ter que escrever as falas dos entrevistados. O máximo que pode ser feito é criar hipóteses escritas de onde e quando filmar. Normalmente o set pode ser em qualquer lugar, é claro que vai variar da pessoa que estiver à frente do projeto. No caso em questão, preferiu-se deixar o espaço filmado da maneira encontrada. Sempre com cautela em evitar o barulho e obter uma boa iluminação.

Nas entrevistas teve o cuidado de não intrometer na linguagem corporal e a única coisa sugerida foi em relação quando a resposta é dada - tipo: “porque escolheste o Brasil” e aí que sempre que respondesse “escolhi o Brasil...”, assim para poder ter um gancho de acordo com as perguntas.

Apesar de não ter sido escrito antes das filmagens, o roteiro foi simplesmente baseado nas questões que é à base do documentário “Studentis: 1 koxi di nos mimórias”.

No primeiro momento pretendeu começar o filme com a imagem da sala do apartamento da Cindy Cruz. Seria uma imagem de sala vazia pegando emprestado o conceito do cineasta Eduardo Coutinho onde ele diz que o significado seria a representação de uma imagem pura – uma imagem sem fala. Essa linguagem aparece no seu filme documentário “Santo Forte”, 1999. Só que depois foi colocado no início o mar, já que este tem um grande significado para o povo caboverdeano. Para eles o mar

possui o sentido de partida, separação e também uma opção de uma vida melhor, onde no estrangeiro possui novas oportunidades. As primeiras filmagens foram as das entrevistas e depois, de algumas imagens dos lugares frequentados pelos caboverdianos. A intenção é fazer algo bem simples. Só que somente com as imagens das entrevistas o filme ficou longo. Algo que era para ser entre 10 a 15 minutos, transformou-se em 37:12 segundos

Bem, uma outra pergunta que surgiu foi qual realmente seria o argumento desse filme? O verdadeiro motivo de fazer esse filme? A essência de todas as questões é prar chegar a uma só: Qual é o motivo de querer ficar no Brasil, sendo que os pais (pelo menos a maioria), não são muitos a favor de deixar os seus filhos continuarem neste País.

Até ai, tudo bem. Só que se fosse em Portugal, não existiria muita pressão por parte deles. Foi isso que instigou a percorrer nem se um pouco nesta pesquisa. Tendo conhecimento do argumento, nasce a escaleta.

Escaleta

1. Filmar o dia da Cindy na sua casa
2. Fazer as entrevistas
3. Ir buscar Janecas em Laranjeiras
4. Filmar Janecas na escadaria nos Arcos da Lapa ou na escadaria do Selarom.
5. Filmar Janecas andando pela Lapa, passando pela FEBARJ

6. Buscar Edino na casa da namorada na Praia de Bota-Fogo
7. Filmar Edino na Praia de Bota-Fogo onde aparece o Pão de açúcar
8. Ir para o Arpoador para varios planos da Praia de Ipanema e pessoas andando na orla.
9. Filmar a Faculdade da UFRJ/ECO-as salas e corredores.
10. Quadra do Morro Azul
11. Filmar uma parte do Morro da Mangueira.
12. Filmar as festas caboverdeanas e os convívios dos mesmos.

Nas pesquisas verificaram-se muitos potenciais para as entrevistas. Calouro caboverdiano que foi recebido pelos veteranos do mesmo país e que depois lhe deixaram na mão, apesar deste ter comprado alguns móveis da casa e ficou sem reembolso. Outros que receberam dinheiro para pagar o apartamento em vez disso guardaram para eles ou pagaram as suas mensalidades da faculdade.

Alguns que por não quererem lavar a louça ou participar nas limpezas da casa, quebraram amizades de vários anos, uns que desistiram de continuar os estudos, as vezes sem nenhum motivo aparente. Vários abortos, mas quem iria falar disso? Contas feitas nos cartão de créditos, não quitadas. Caboverdianos que é discriminado pela polícia ou população. Sobre os aqueles que se destaram como melhores alunos. Alguns que negam a sua identidade africana.

Os protagonistas deste filme documentário são três. Começando pela dama, a Cindy Cruz é da ilha de São Vicente, denominado como berço cultural dessas ilhas por alguns e que tem muita similariedade com o Rio de Janeiro, que neste presente momento já se encontra formada em Odontologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e almeja fazer uma especialização na mesma área.

O Janecas Fortes que tinha a vontade de ficar por algum tempo no Brasil e que por outros motivos pessoais que será mencionado no filme, neste momento se encontra em Cabo Verde e já é formado na economia pela Universidade Santa Ursula, é oriundo da ilha de Santo Antão.

Por fim, o da mesma importancia com os demais mencionados, tem o Edino Moniz formando em ciência da Computação pela Universidade Veiga de Almeida, nascido na ilha de Santiago onde reside a capital Praia de Santa Maria, e pretende ficar por mais alguns anos. Todos esses querem ou queria no caso de Janecas, ter mais experiência no mercado de trabalho antes de voltar e se voltarem.

Não tive dificuldades de se expressarem na frente da câmera. O Janecas já tinha participado das primeiras gravações, os de 2009.

Definição da Equipe Técnica

Concepção e Realização

Luis Wagner Vieira Pinto Gomes

Entrevistados

Cindy Cruz

Janecas Fortes

Edino Moniz

Legenda

Admila Moreno

Luis Wagner

Apoio

CPM/ECO

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Karina Assunção

Tiago Almeida

Eliseu Barros

Ângela Brito

Daniel Lago

Admila Moreno

Helder de Pina

Eder Ariel Moniz

Alexandre de Oliveira Nascimento

Sergio Brenner

Davi Ribeiro

Deliane Henriques

Rodrigo Lessa

Aurelio Aragão

PROF.DR. Fernando Fragozo

Prof. Dr. Fatima Sobral Fernandes

Os três espaços escolhidos, em principio represente ou tenha algum significado para a comunidade dos estudantes caboverdianos. O interessante nisso, é que em nenhuma das entrevistas foram realizadas nas faculdades. A intenção era realmente passar as memórias das vivências que também englobasse as universidades e não fazer uma entrevista no local. Nas primeiras gravações (2009-2010), fiz-se com uma das estudantes na faculdade, mas já que fazia parte duma outra linguagem e ela não tinha a intenção de permanecer no Brasil, pelo contrário a sua imensa vontade era de voltar, assim sendo, as imagens colocadas é apenas da faculdade. O apartamento carrega o significado mais que um teto, mas sim um lar, principalmente para os que estudam no

Rio de Janeiro e sabendo que é muito difícil alugar um, se não tiver fiador. Também é um lugar de formação de caráter e conflitos. As maiorias desses estudantes compartilham, mesmo sem se conhecerem no país de origem, o mesmo apartamento. Existem alguns que preferem ficar sozinhos ou compartilhar com outros africanos e brasileiros. O outro lugar foi a Lapa que também lembra um pouco um lugar de encontro e desencontro. Onde podes ver vários traços culturais embutidas pelos freqüentadores. Muitos dos povos das ilhas se encontram neste espaço que também sente a presença africana tanto para o povo em questão e para os angolas, Quenianos, Moçambicanos, Guineense e os demais.

Por volta dos anos 2000, os caboverdianos residiam mais em Niterói ou na Zona Norte do Rio, mas com o tempo, a Zona Sul, principalmente nos bairros do Flamengo, Laranjeiras e Bota-Fogo, este último teve mais representação, por isso em um dos cenários e na praia do Bota-fogo em homenagem a todos que vislumbraram a beleza da cidade maravilhosa. E assim os nossos cenários foram escolhidos.

.Cronogramas das Filmagens e da Decupagem

2009	Jan	Fe v	Mar	Abr	Mai	Jun	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pesquisa	X										
Produção											
Gravação			X					X	X		

Edição											
Finalização											
Relatório											
Defesa											

2010	Jan	Fe v	Mar	Abr	Mai	Jun	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pesquisa			<u>X</u>	<u>X</u>			<u>X</u>				<u>X</u>
Produção											
Gravação			<u>X</u>	<u>X</u>	<u>X</u>	<u>X</u>	<u>X</u>				<u>X</u>
Edição											
Finalização											
Relatório											
Defesa											

2011	Jan	Fe v	Mar	Abr	Mai	Jun
Pesquisa	<u>X</u>	<u>X</u>				
Produção	<u>X</u>					
Gravação	<u>X</u>			<u>X</u>		
Edição				<u>X</u>	<u>X</u>	<u>X</u>
Finalização						<u>X</u>
Relatório						<u>X</u>
Defesa						<u>X</u>

Assim como foi para a construção do roteiro, assim foi para a decupagem que a base são a pergunta.

Sobre a decupagem pode-se dizer que a origem da palavra é francesa “(*découpage*, derivado do verbo *découper*, recortar) significa, originalmente, o ato de recortar, ou cortar dando forma”.

Ismail Xavier e Rudi Santos, cada um nos seus escritos concordam em dizer que:

Decupar é dividir o filme ou o vídeo em planos. Sob o aspecto físico, o plano é um segmento de imagem contínua compreendido entre dois cortes, ou seja, é a imagem registrada durante o intervalo de tempo no qual a câmera está ligada, gravando uma cena; em relação ao enquadramento, o plano é classificado de acordo com o tamanho da figura humana dentro do quadro. Decupar, então, é reunir uma série de fragmentos de imagem contínua, filmados ou gravados sob diversos ângulos e com pontos de vista diferente. Um conjunto de planos chama-se cena, e um conjunto de cena chama-se sequência.

(Santos, 1993, p.20)

A arte da decupagem é um dos segredos fundamentais para a direção de um enredo. Um bom diretor de cinema ou da televisão é aquele que, além de dominar o lado estético da realização, domina também a divisão do filme ou do vídeo em planos.

(IBIDEM, p.23)

Classicamente, costumou-se dizer que um filme é constituído de sequências – unidades menores dentro dele, marcadas por sua função dramática e/ou pela sua posição na narrativa. Cada sequência seria constituída de cenas – cada uma das partes dotadas de unidade espaço-temporal. Partindo daí, definamos por enquanto a decupagem como o processo de decomposição do filme (e portanto das sequências e cenas) em planos. O plano corresponde a cada tomada de cena, ou seja, à extensão de filme compreendida entre dois cortes, o que significa dizer que o plano é um segmento contínuo da imagem. O fato de que o plano corresponde a um determinado ponto de vista em relação ao objeto filmado (quando a relação câmera – objeto é fixa), sugere um segundo sentido para este termo que passa a designar a posição particular da câmera, (distância e ângulo) em relação ao objeto.

(XAVIER, 2005, p.27)

Os planos podem ser classificados em:

Plano Grande Geral (GPG) – “Plano típico de cinema. Tem como principal função descrever o cenário. Por ser um plano com ângulo de visão muito aberto é praticamente impossível perceber a ação ou identificar os personagens. Devido à grande quantidade de pormenores, o GPG necessita um tempo maior de projeção, para que o espectador perceba os detalhes da imagem. No cinema, normalmente, um grande plano geral tem uma duração de oito a 12 segundos”.

Plano Geral (PG) – “O plano geral possui um ângulo de visão menor que o GPG. Percebe-se a figura humana, porém é difícil reconhecer os personagens e a ação. O PG é um plano descritivo e serve principalmente, para mostrar a posição dos personagens em cena. No cinema o PG tem duração de 5 a 9 segundos.”

Plano Conjunto (PC) – “O Plano conjunto apresenta o personagem, ou um grupo de pessoas no cenário, e permite reconhecer os atores e a movimentação em cena. A ação, no entanto, não é visualizada nos mínimos detalhes. Por exemplo: se uma atriz coloca alguma coisa no bolso do paletó de um ator, percebe-se o movimento dos braços e das mãos, sem, no entanto identificar-se o objeto. É por estes motivos que o PC é um plano de caráter descritivo e narrativo, com uma tendência maior para a

descrição, já que as ações não são totalmente percebidas. No cinema a duração de um PC varia em média, de 4 a 8 segundos”.

Plano Médio (PM) – “O plano médio é aquele que enquadra o ator em toda a sua altura. Como os pormenores do cenário não estão em destaque, o PM tem uma função narrativa, pois a ação tem maior impacto na totalidade da imagem. No cinema, o PM tem duração aproximadamente de 3 a 7 segundos.

Plano Americano (PA) – O Plano Americano é aquele que enquadra o personagem acima dos joelhos ou acima da cintura. Na verdade a nomenclatura plano americano é apenas uma denominação especial para designar um tipo de plano médio muito comum nos filmes americanos. Nos filmes de cowboy ele pode ser utilizado, por exemplo, no duelo, quando o mocinho e o bandido vão sacar o revólver do coldre. O PA é um plano que privilegia a ação em relação ao cenário e, no cinema, costuma ter a duração de 3 a 7 segundos.

Primeiro Plano (PP) – O primeiro plano é aquele que corta o personagem na altura do busto. Em um PP fica mais fácil para o espectador perceber o estado emocional dos atores e a direção dos olhares. O PP tem um caráter mais psicológico do que narrativo. Devido à pequena quantidade de detalhes no quadro, o PP, no cinema, tem curta duração, variando, em média, de 2 a 6 segundos.

Primeiríssimo Plano (PPP) – Em um PPP, o rosto ou uma parte do rosto do personagem ocupa toda a tela. A ação não é percebida e, desta forma, a atenção do espectador é canalizada para o lado emocional, transmitido pela expressão facial do ator. O PPP também pode ter uma função simples indicativa. É o caso, por exemplo, do close da mão de um personagem abrindo uma porta. Duração de 1 a 3 segundos.

Plano Detalhe (PD) – O plano detalhe destaca um pormenor do rosto ou do corpo do ator o que resulta em uma imagem de grande impacto visual e emocional. Imagine a superampliação de um olho, com as pupilas dilatando-se no momento em que o bandido acerta um tiro na mocinha. De outra maneira, quando o PD não enquadra um detalhe da expressão facial pode-se ter, da mesma forma o PPP, uma função indicativa. É o caso de um objeto ou de um detalhe importante na história e que não pode ser visualizado pelo público. Um exemplo: e, um filme policial, na elucidação de um crime, há um brinco no chão, sob uma cadeira. Devido às dimensões exageradas da imagem, o PD necessita de um tempo muito reduzido para a identificação dos objetos em cena. No cinema, o PD costuma ter, em média, 1 ou 2 segundos.

Sobre David Wark Griffith (1875-1948), considerado o primeiro a “ter introduzido um tipo de narrativa visual, seguido como modelo pela indústria cinematográfica do Ocidente, Rudi Santos diz que”:

A principal importância de Griffith foi mostrar que uma câmera de cinema podia introduzir um tipo de narrativa visual diferente da usada no teatro, estabelecendo assim os princípios básicos para uma linguagem usada, até hoje, no cinema comercial americano.

Griffith percebeu que os enquadramentos mais abertos (planos gerais e planos conjuntos) servem para reforçar o aspecto descritivo da estória. Já os primeiros planos e closeups oferecem ao espectador uma proximidade maior com os personagens, podendo ser utilizados para transmitir mais fortemente as emoções. Os Planos médios, por outro lado, são planos eficientes para destacar a ação e o movimento dos atores.

Em resumo:

Descrição - Grande Plano Geral (GPG), Plano Geral (PG), Plano Conjunto (PC)

Narração - Plano Médio (PM); Plano Americano (PA)

Emoção - Primeiro Plano (PP); Primeiríssimo Plano (PPP), Plano detalhe (PD)

(SANTOS, Rudi, 1993,18-19)

Sendo assim, foram usados os planos que expressam emoções e uma narrativa. A intenção é fazer uma decupagem clássica onde a “divisão do filme ou vídeo em planos, de modo que a narração apresente-se lógicas, claras, contínuas, coerentes, suaves e lineares”.

Em cada questão muda-se um pouco de plano, e também nas mesmas questões, variar de entrevistado para o outro. Dando um efeito de movimento. Necessário lembrar que as perguntas foram feitas no crioulo.

Perguntas:

1. Porque é que queres ficar no Brasil/ querias? O que é que te impede de ficar (no caso do Janecas que na época já tinha decidido ir para Cabo Verde)
2. O que mais lhe chocou no Brasil?
3. Conseguiu encontrar estágio? Tiveste dificuldades?
4. Já sofreste preconceitos/racismo?
5. É fácil alugar um apartamento no Rio de Janeiro? Porque?

6. Porque escolheste o Brasil?
7. Como lidas com as saudades?
8. O que é que vais levar do Brasil para Cabo Verde?(no caso do Janecas Fortes)
9. Na época que chegaste no Rio, como era a convivência dos caboverdianos?
10. Como é a convivência nos apartamentos?
11. Como é formada a sociedade caboverdiana?
12. Convivência com os Brasileiros?
13. A sua visão da favela e do asfalto?

Depois nos dias das entrevistas as perguntas diminuíram e ficaram mais organizadas principalmente no momento da edição. Na primeira edição, o vídeo começa na sala do apartamento da Cindy. A sala mostrava um cenário vazio. Depois com um corte seco, aparecia Cindy falando o porque de ter escolhido o Brasil. Nesta questão, só aparece a resposta dela. Depois a ideia curtaria para um corredor do prédio e curtaria para o Edino respondendo se é fácil alugar apartamento e depois na continuidade o Janecas continua respondendo. Nesta questão a Cindy Cruz não aparece.

A próxima questão também tem haver com apartamento, mas só que no sentido da convivência dos caboverdeanos nela. Por isso quando Janecas termina de responder e o curto vai diretamente para a Cindy. Apesar de todos terem respondido a essa questão, no filme só aparece a Cindy. Os outros dois vão falar da época que chegaram

e de como os caboverdianos se comportavam entre si. Começa com Janecas/Edino/Janeca/Edino que depois curta para uma sala vazia e depois uma livraria, dando noção de um outro tema que é da faculdade. O curte desta vez vai para o Janecas falando de como foi a sua vida de estudante, na sequência, vem a Cindy Cruz. No mesmo tema a Cindy responde a pergunta de relação de Professor Brasileiro e aluno e professor Caboverdeano e aluno.

Em seguida dela o Edino continua responde a essa última questão. Curta para a imagem do Pão de açúcar. Depois entra Janecas e em seguida Edino/Janeca/Edino falando das suas experiencia de estágio. Curta para uma visão de edifícios e em seguida para imagem de uma favela dando gancho para a próxima pergunta que tem haver com o racismo e preconceito. Na pergunta volta o Edino/ Cindy Cruz. Curta para a imagem de uma raiz da árvore, relembrando a questão de origem, depois entra a pergunta básica que é qual seria o motivo de querer ficar no Brasil. Entra o Edino/ Cindy/ Janecas falando qual seria o seu desejo de querer ficar e porquê não pode. Termina com Janecas aconselhando a todos os que querem estudar no Rio de Janeiro, que é um bom lugar para estudar. No final aparece um enquadramento estilo foto-retrato com as legendas com os seus nomes e respectivos cursos e faculdades. Nesta edição o filme ficou com 37.12 minuttos, depois foi recortada para 15 minutos , o problema é que foi cortado várias perguntas e depois duma outra reedição o filme ficou aproximadamente com 20 minutos. Muitas repetições nas falas foram cortadas. A voz do entrevistador não aparece no documentário, mostrando que eles estejam falando com os espetadores.

2 Produção

Nas produções é bem possível dizer que foi independente. Um dos grandes motivos de não ter uma equipe bem estruturada, tem haver com o tempo de cada um. Por causa de uma outra experiência, numa tentativa de realizar um filme documentário que abordaria o tema da cultura de Hip Hop, mas dentro da perspectiva evangélica, deparou-se com várias situações que veio impedir de prosseguir o projeto. O grande fator foi o tempo e o dinheiro para alugar carros que serviria para levar os equipamentos das filmagens e a equipe. Por isso nesse projeto “Studantis: 1 koxi di nos memórias”, o metodo foi fazer algo bem rápido e simples, mas não perdendo o objetivo de passar o que os entrevistados disseram. A direção de fotografia, arte, gravação de imagem e som, ficou na nossa responsabilidade do realizador.

Nas gravações foram sempre feitas pela parte da manhã por causa da luz natural e num lugar mais silencioso possível.

3 Pós – Produção

Nesta fase ainda completamos o processo da finalização. O programa da edição usado é o Final Cut e nas imagens os efeitos que usado e o de cor. O Som é direto e os efeitos usados é o da transição. Foi usado na trilha umas musicas tradicionais de cabo verde, tais como a Morna e o Funana. O que deu muito trabalho é a tradução do Criolo para o Português, porque às vezes não dava para entender muito bem porque os personagens falavam muito rápidos. Também tinha que traduzir do crioulo caboverdeano para lingua Porrtuguesa e deste para a versão brasileira. A legenda já vem automaticamente no filme. A pós-produção, assim como os outros, não tinham uma equipe disponíveis ou formada. Em principio a distribuição vai ser bem limitada. A

intenção não é colocar o filme em nenhum festival de curtas, a não ser com a permissão dos entrevistados e neste caso também iria ver os direitos autorais da trilha sonora. Quanto a exibição em principio vai ser somente na faculdade ou no máximo dentro do Brasil. Pelo menos com essa edição. O motivo é bem simples. Um dos entrevistados, apesar de querer ficar aqui e no momento esteja procurando fazer uma especialização, os Pais não sabe dessa vontade de querer ficar.

Não é uma obra prima de audiovisual, mas dá para entender um pouco da visão dos estudantes caboverdianos.

4 Considerações Finais

O que era para ser um filme de 10 a 15 minutos, na primeira edição ficou com aproximadamente 38 minutos e depois com 20 e poucos minutos.

“Studantis: 1 koxi di nos memórias”, ficou muito ainda para ser abordado e colocado nas telas. Alguns objetivos foram cumpridos outros ficaram aquém. As primeiras filmagens(2009-2010), também estão se transformando em curtas-série com o mesmo nome “ Studantis: 1 koxi di nos mimórias”, e já tem uma versão disponível na internet <http://www.youtube.com/watch?v=XqMVaQGz4nw>.

A intenção também não era escrever muita coisa sobre o Cinema, mas sim fazer um simples filme, apesar da maneira que foi feita, que seja inédita. Não era fazer algo de grande qualidade como os cineastas Eduardo Coutinho e Roberto Flaherty.

A maior falha foi na pré-produção, escrever e planejar o que realmente fazer. Apesar de ter boas bibliografias, o vacuo não foi totalmente preenchido. Entre todas essas coisas, o que mais deu trabalho é o relatório escrito e as legendas. Mesmo assim foi escrita estilo um roteiro direto. Para esse relatório o método foi - curtir e colar – uma edição. Mixagem nas escritas. Mas o filme ficou muito melhor do que os argumentos apresentados.

5 REFERÊNCIAS

.Filmes

Direção Eduardo Coutinho:

Peões. 2004

Edifício Master. 2002

Babilônia 200(2001)

Santo Forte. 1999

Identidades em transito. 2009

.Livros

_____ SANTOS, Rudi. Manual de Vídeo. Rio de Janeiro- Editora UFRJ.1993

- ____NICHOLS, Bill. Introdução ao Documentário. Campinas-Sp Papyrus - 2004-
- ____PESSOA RAMOS, Fernão. Mas Afinal...o que é mesmo Documentário? São Paulo- Editora SENAC São Paulo -2008
- ____CURRAN BERNARD, sheika Documentário: técnicas para uma produção de alto impacto . Rio de Janeiro Editora Elsevier- 2008
- ____XAVIER, Ismael. Cinema Brasileiro Moderno. São Paulo- Paz e Terra-2001
- ____.O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. 3 edição-São Paulo- Paz e Terra - 2005
- ____SANTANA, Gelson . Cinema, Comunicação e Áudio-Visual - São Paulo: Alameda- 2007
- ____RODRIGUES, CHRIS.O Cinema e a Produção – 2 edição-Rio de Janeiro: Editora D&A:Faperj- 2005
- ____LINS, Consuelo; MESQUITA, Claudia.Filmar o Real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro-Jorge Zahar Editora-2008
- ____DA-RIN, Silvio. Espelho Partido –Rio de Janeiro : Azouge Editorial- 2004
- ____LINS, Consuelo. O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, Cinema e Vídeo –2 edição-Rio de Janeiro – Jorge zahar Editor-2007
- ____YOUNG, Rick. O guia Oficial Final CUT Pro 7 – Rio de Janeiro – Elsevier- 2011-06-08
- ____PUCCINI, Sérgio. Roteiro de Documentário: da pré- produção à Pós-produção. Campinas-SP-Editora Papyrus-2009.
- ____FIELD, Syd. Manual do documentário. . Rio de Janeiro.Editora Objetiva. 2001
- ____Mourão, Daniele ellery. Identidades em trânsito: África “na pasjen” identidade e nacionalidades guineenses e caboverdianas –Campinas: Arte escrita,2009
- ____CORREIA e SILVA, Antonio. Combates a História. Editora Speen Edições,2004,Praia –cabo verde

.Sites

<http://www.youtube.com/watch?v=JmDLZORG6Cg&NR=1> acessado em 13.06. 2011

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Decupagem> acessado em 13.06. 2011

<http://www.roteirodecinema.com.br/manualdoroteirista.htm> acessado em 13.06. 2011

<http://www.films.com.br/coloc.htm> acessado em 13.06. 2011

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Decupagem> acessado em 13.06. 2011

<http://www.3tabela.pontaodaeco.org/infos/termo/decupagem> acessado em 13.06. 2011

Anexo